

**Falar apaisanado: uma forma de designar as línguas na fronteira**

---

**letrônica**

---

Isaphi Marlene Jardim Alvarez<sup>1</sup>**Introdução**

A localização geográfica, os processos de delimitação das fronteiras geopolíticas, as relações sócio-históricas do Brasil com os países da América do Sul, a forma como estabeleceu suas fronteiras territoriais e sociais com os referidos países, são fatores, entre outros, que configuram uma relação muito particular entre sujeitos e línguas em um espaço de enunciar diferenciado.

É sobre as relações estabelecidas entre sujeitos e línguas que refletimos neste trabalho considerando, para tanto, as condições sócio-históricas e políticas, com o objetivo de refletir sobre a designação da língua do outro, ou seja, de perceber como se dá um nome à língua do outro que já está nomeada, considerando o espaço de enunciação fronteiriço (STURZA, 2006, p. 70).

O espaço geográfico que se significa no estar entre territórios e entre-línguas se materializa na configuração de um espaço de enunciação próprio, caracterizado por uma situação linguística singular, que é a relação que se instaura pelo contato intenso da Língua Portuguesa e da Língua Espanhola. Esse espaço é a fronteira.

Este contato nos interessa pela maneira como é constitutivo da conformação das práticas linguísticas, que se estabelecem de modo singular, nas fronteiras do Brasil com os países do Rio da Prata, singularidade que observamos particularmente no contato linguístico entre as línguas portuguesa e espanhola, na fronteira do Brasil com o Uruguai. Tomamos as cidades de Livramento/Rivera e Bagé como local geográfico para realizar as nossas entrevistas e os recortes dos enunciados selecionados.

Entretanto, apesar das relações sociais, linguísticas e culturais estarem conformadas há bastante tempo, mencionamos que os estudos sobre tais contatos, principalmente com relação às línguas, são relativamente recentes. Para a linguística brasileira, essas questões têm apresentado pouca relevância. Por isso, uma investigação sobre o assunto nos parece pertinente para a própria história da Língua Portuguesa, já que, a relação de interação e

---

<sup>1</sup> Professora Assistente da Unipampa (Universidade Federal do Pampa/ Campus – Bagé) – Curso de Letras Português/Espanhol.

contato entre os falantes de Língua Portuguesa e de Língua Espanhola tem sido abordada no âmbito dos estudos linguísticos, a partir de uma perspectiva sociolinguística, e, na sua maioria, os estudos foram realizados pela comunidade acadêmica uruguaia, inclusive tornando-se um marco histórico para a linguística uruguaia.

A circulação das pessoas e igualmente das línguas praticadas sempre aconteceu. E dessa circulação resultaram nuances próprios nos falares da fronteira. Um dos fatores que favoreceu e fortaleceu a presença do espanhol em terras gaúchas, (cf. STURZA, 2006, p. 47) foi a existência de um comércio forte, que se voltava para a região do Rio da Prata (Argentina e Uruguai), tanto para importar como para exportar, provocando um ir e vir de pessoas.

A partir da organização de um corpus constituído de enunciados orais, de falantes brasileiros, recolhidos na zona de fronteira já especificada, trazemos tais considerações para mostrar, neste trabalho, um enfoque sobre o contato entre as línguas: portuguesa e espanhola. Consideramos, portanto, que esse contato se significa na língua, no Espaço de Enunciação Fronteiriço (STURZA, 2006, p. 70), que é constitutivo para o funcionamento desse espaço e para atribuir sentidos às designações dadas à língua do outro, a dos sujeitos-falantes de um ou de outro lado da fronteira geopolítica.

Tomamos a definição de fronteira como lugar geográfico, imediatamente como social e por último como fronteira linguística. O dicionário Aurélio Buarque de Holanda (1998) define fronteira como um substantivo feminino que designa a extremidade de um país ou a região do lado onde confina com outro, o limite, a raia. Dessa forma, entendemos a fronteira como um lugar geográfico de divisão, de separação, ou o lugar que determina o fim do nosso território. Este conceito compreendido nos remete a um embate entre o quanto a fronteira é real e o quanto ela é simbólica (imaginária), por isso pensamos a fronteira no âmbito dos estudos linguísticos e estabelecemos uma demarcação para este trabalho.

A noção de fronteira nos estudos linguísticos tem sido focada no que tange à relação entre as gramáticas das línguas. Alguns estudos sobre línguas em contato explicitam características das formas misturadas, de uma morfossintaxe em transição, sem esquecer-nos dos empréstimos lexicais que é onde há mais ocorrência de aspectos linguísticos que marcam a presença de uma gramática de dialeto ou da mistura, uma língua no sistema linguístico da outra. E, se pensarmos sob a ótica da constituição, a fronteira estabeleceria, pois, uma espécie de entre-lugar.

A fronteira não se põe em nenhum extremo, ou lado, ela é ao mesmo tempo, “um”, “outro”, “ambos” ou “nenhum”, a “linha imaginária”. Nesse sentido, estar na fronteira é estar

à margem, no ponto extremo, na borda, distante do centro, em lugar diferente e, por que não, estranho?. Por outro lado, podemos afirmar que há um embate estabelecido por uma condição binária, o ser “um” ou “outro”, o estar “dentro” ou “fora”, permitindo-nos uma reflexão ou (re) significação sobre o que é fronteira, ou o que é estar na fronteira.

Para corroborar, a autora a seguir assim expressa essa condição de “ser fronteira”:

...un territorio de pasajes, de tráfico perpetuo y de ajetreos simbólicos enrevesados, complejos y mixturados. Un mundo dinámico en el que se manejan varias monedas, distintas lenguas, más de una documentación personal, se compra y se vende, se llora y se ríe, se ama y se odia en movimientos continuos de un lado al otro. En el *habitat fronterizo* las diferencias, la diversidad y los mestizajes son *el pan nuestro de cada día*: tensiones ideológicas, prejuicios y estigmas se entrelazan con simpatías ancestrales, afecto comunitario e idiosincrasia local reconocible *a la legua* por los de *aquí nomás*. Estamos pues bosquejando “otro mapa” en el que anida y se agita el irónico tufillo paradójal: lo que para el centro es exótico, para nosotros familiar; lo que para el Estado-Nación es extranjero, para nosotros, vecino; **lo que las gramáticas distinguen, nosotros lo usamos mezclado, pues también en el habla atravesamos fronteras, y a la vez, las fronteras nos atraviesan en continuidad.**<sup>23</sup>  
(CAMBLONG, 2002, p.12)

Não tomamos aqui esta definição geopolítica de fronteira, como sinônimo de limite, de espaço visível, ou ainda delimitado. Entendemos fronteira como sinônimo de integração, como espaço invisível, ou ainda como espaço de transgressão, segundo nos aponta Sturza (2006). Um espaço onde os sentidos depreendidos da especificidade do conceito de fronteira nos trazem a questão da relação entre as línguas nas fronteiras hispano-brasileiras, que são também relações políticas.

## 1 A língua pela língua

Filiando-nos à Teoria Enunciativa, e estabelecendo um diálogo com a Análise do Discurso, mobilizamos aspectos sobre as designações dadas às línguas, a partir de uma

---

<sup>2</sup> ...um território de passagem, de tráfego perpétuo e de agitações simbólicas “enrevesadas”, complexas e misturadas. Um mundo dinâmico no qual se usam várias moedas, distintas línguas, mais de um documento pessoal, se compra e se vende, se chora e se ri, se ama e se odeia em movimentos contínuos de um lado e do outro. No *habitat fronterizo* as diferenças, a diversidade e as misturas são *o pão nosso de cada dia*: tensões ideológicas, preconceitos e estigmas se entrelaçam com simpatias ancestrais, afeto comunitário e idiosincrasia local reconhecida *a la legua* pelos de *aquí nomás*. Estamos, pois esboçando “outro mapa” no qual faz ninho e se agita o irônico tutelado paradoxal: o que para o centro é exótico, para nós familiar; o que para o Estado-Nação é estrangeiro, para nós, vizinho; o que as gramáticas distinguem, nós o usamos misturado, pois também na fala atravessamos fronteiras, e por sua vez, as fronteiras nos atravessam continuamente.<sup>2</sup> – tradução nossa.

<sup>3</sup> Grifo nosso.

posição discursivo-enunciativa. Fazemos as explicitações de acordo com Orlandi (1999, p. 15-16), quando menciona que no plano do discurso “não se trabalha com a língua enquanto sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas”. Dessa forma, olhando a língua como movimento, como fluxo, significando enquanto enunciada por esse sujeito falante, expomos a proposição de Orlandi (2002) quanto à distinção entre língua fluida e língua imaginária.

Segundo a autora, na obra *Língua e Conhecimento Linguístico* (2002, p. 22), “a língua imaginária é a que os analistas fixam com suas sistematizações e a língua fluida é a que não se deixa imobilizar nas redes de sistemas e fórmulas”. Percebendo a língua sob tal perspectiva é que problematizamos a questão das designações que os falantes fronteiriços dão às línguas que praticam, considerando o espaço adverso e controverso ligado a uma língua materna e a uma língua de contato, a qual ao mesmo tempo pode ser estrangeira, aproximada, alheia, do outro, sem, contudo deixar de ser dele.

Nessa perspectiva, a língua como constitutiva do sujeito é muito mais do que falada, é a língua que atravessa esse sujeito como ser simbólico, ou ainda é a língua que o “designa”, conforme (CELADA, 2002, p. 12).

Do ponto de vista enunciativo passamos a ter outra concepção das línguas no seu estado de contato. Por tal razão, tomamos esta condição das línguas da fronteira pela representação (política) e pelo modo como os sujeitos, quando enunciam, significam sua relação com as línguas que enunciam e que praticam. Nessa relação que se instaura entre língua e sujeito, e que só pode se constituir pelo espaço de enunciação que estamos aqui considerando: o espaço de enunciação fronteiriço (STURZA, 2006, p. 70), nos interessa o sentido político.

Sobre o funcionamento das línguas sob tal enfoque, apresentamos as seguintes definições:

Podemos considerar dois modos de funcionamento das línguas num espaço de enunciação. Um que representa relações imaginárias cotidianas entre falantes e outro que representa as relações imaginárias (ideológicas) institucionais. Para o primeiro caso distinguimos:

**Língua materna:** é a língua cujos falantes a praticam pelo fato de a sociedade em que se nasce a praticar; nesta medida ela é, em geral, a língua que se representa como (que se apresenta como sendo) primeira para seus falantes.

**Língua alheia:** é toda língua que não se dá como materna para os falantes de um espaço de enunciação.

**Língua franca:** é aquela que é praticada por grupos de falantes de línguas maternas diferentes, e que são falantes desta língua para o inter-curso comum.

Para o segundo, distinguimos:

**Língua nacional:** é a língua de um povo, enquanto língua que o caracteriza, que dá a seus falantes uma relação de pertencimento a este povo.

**Língua oficial:** é a língua de um Estado, aquela que é obrigatória nas ações formais do Estado, nos seus atos legais.

**Língua estrangeira:** é a língua cujos falantes são o povo de uma Nação e Estado diferente daquele dos falantes considerados como referência. (GUIMARÃES, 2007, p. 64)

O modo de funcionamento das línguas no espaço enunciativo, as relações imaginárias cotidianas ou institucionalizadas que evidenciamos nos permitem empregar as distinções feitas por Guimarães (2007) para pensarmos as línguas em contato como constitutivas do espaço de enunciação já mencionado. As línguas que coexistem neste espaço configuram outros sentidos.

E, em tal contexto, importa ressaltarmos que a divisão desigual entre falantes e espaço de enunciação, considerado por Guimarães (2002) como político, é o conceito que atravessa as noções supramencionadas e, portanto, possibilita-nos problematizar as relações entre sujeitos e línguas. Com base nos estudos enunciativos, portanto, buscamos compreender como, o funcionamento das línguas na fronteira, engendram este espaço único, assim como a articulação entre locutores e interlocutores.

## 2 Sujeito e língua na fronteira

Para tratar das relações entre línguas e sujeitos na fronteira no plano discursivo-enunciativo destacamos dois conceitos que orientam a nossa análise. Primeiramente espaço de enunciação é:

Esta relação entre falantes e línguas interessa enquanto um espaço regulado e de disputas pela palavra e pelas línguas, enquanto espaço político, portanto. [...] Os falantes são estas pessoas enquanto determinadas pelas línguas que falam. [...] São sujeitos da língua enquanto constituídos por este espaço de línguas e falantes que chamo espaço de enunciação. (GUIMARÃES, 2002, p. 18)

Assim, espaço de enunciação é um espaço do dizer que não se repete justamente porque está determinado pelo modo como os sujeitos se relacionam com a língua. Para Guimarães (2002), o espaço de enunciação atribui as línguas para seus falantes. Contudo, cada espaço de enunciação tem uma regulação específica, as línguas significam de modo singular se inseridas em um espaço enunciativo particular.

Nessa relação entre línguas e falantes, que se configura no espaço de enunciação, manifesta-se a questão do litígio pela hierarquia das línguas no espaço enunciativo. Coloca-se assim a escolha de uma língua de enunciar ou para enunciar, escolha tal – sempre regulada pelo caráter hierarquizante das línguas – que define enunciação como um lugar político do sujeito.

E, espaço de enunciação fronteiroço é definido como:

O resultado da mistura das línguas funciona também por estar em relação com os falantes e que se enunciam na língua, como práticas linguísticas fronteiroças. Na fronteira, os sentidos das línguas não são necessariamente os sentidos da língua nacional. O espaço de enunciação das línguas é um espaço de enunciação fronteiroço. (STURZA, 2006, p. 70)

O espaço de enunciação fronteiroço é compartilhado pelas línguas de fronteira, as quais são postas em situação de convivência e, por isso mesmo, de confronto. Ao dizer as/nas línguas de fronteira, o sujeito representa-se como uma figura política, significando estar dividido entre as línguas, já que em sua língua de enunciar, evidencia materialmente um espaço de enunciação fronteiroço, cujas línguas afetam de maneira singular os falantes.

O sujeito que vive na fronteira compartilha modos de vida entre o seu país de origem e o país vizinho, estabelecendo relações intensas e únicas. Desse modo, (re) significa no espaço de enunciação fronteiroço as relações de convivência e conflito com as línguas que dispõem para enunciar, o que é próprio dos sujeitos que habitam fronteiras, inclusive entre-línguas.

Para pensar como se constituem os sentidos das línguas para os sujeitos nesse espaço de enunciação particular propomos como categoria de análise a designação. Guimarães (2002, p. 46) nos diz que designação é “a significação de um nome”, já Sturza (2006, p. 59) aponta que designar: “é representar uma forma de dizer e significar as línguas de diferentes modos”.

Quando o sujeito rediz, ele atribui novos sentidos ao que designa, significando algo sobre o que diz ou nomeia. Cada vez que uma forma nominal se repete linguisticamente em um enunciado, o sentido da expressão é afetado por novas situações, atribuindo novas perspectivas de significado ao nome referido. Portanto, designar é nomear o que já está nomeado na língua, dando-lhe outro nome e atribuindo-lhe outro significado.

A escolha do falante por um ou outro enunciado no momento da designação será afetada pela historicidade da qual se constitui sua enunciação. Particularmente neste trabalho, os enunciados recortados configuram-se na especificidade do espaço de enunciação fronteiroço. Ao renomear algo, há a instauração de um funcionamento semântico que está na

língua pela designação significada pelas condições sócio-históricas nas quais é posta em funcionamento, assim significando novos sentidos.

O processo designativo escolhido para a análise neste trabalho é a seleção de enunciados orais produzidos por falantes fronteiriços brasileiros, na fronteira Brasil /Uruguai, recolhidos a partir de entrevistas realizadas nas cidades de Livramento/Rivera e Bagé.

O *corpus* recortado se constituiu da seguinte forma: os enunciados para a análise foram recolhidos a partir de entrevistas gravadas e transcritas<sup>4</sup>, realizadas nas cidades de Livramento/Rivera, cidades gêmeas, Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai), separadas apenas por uma avenida e uma praça central, de um lado da avenida o Brasil e do outro lado da avenida o Uruguai. O marco geográfico que determina o fim de um país e o início do outro nessa fronteira é um obelisco no meio da praça. E, também na cidade de Bagé, separada geograficamente do Uruguai por um marco no meio do campo que determina o fim do Uruguai e o início do Brasil, ou vice-versa.

Foram realizadas dez<sup>5</sup> entrevistas com falantes brasileiros, escolhidos por serem pessoas que mantêm relações linguísticas mais intensas com uruguaios, e/ou eventualmente argentinos que vem até as cidades de Livramento e de Bagé para realizar negócios, comprar, fazer turismo, visitar familiares, etc. Assim, perante as possibilidades de pessoas que surgiram entrevistamos porteiros de hotéis, garçons, policiais civis, entre outros, porque considerando as suas atividades profissionais, esses sujeitos mantem um contato linguístico mais intenso com os uruguaios e/ou eventualmente argentinos que visitam as cidades mencionadas.

Os sujeitos foram de certo modo induzidos a responder-nos porque o nosso procedimento ao recolher os enunciados foi o seguinte: as perguntas iniciais eram de aproximação com o nosso informante, e a continuação lhes perguntávamos sobre o contato que costumam ter com uruguaios e/ou argentinos, a partir disso, sobre a forma de comunicação ou a língua que usam ao estabelecer tal contato. Dessa forma fomos conduzindo a entrevista e recolhendo os nossos dados.

---

<sup>4</sup> Neste trabalho não há interesse em realizar uma análise morfossintática dos dados obtidos. As transcrições realizadas consideraram os enunciados tal como foram ditos. Há uma contextualização histórico-social considerando que são aspectos que interessam para a nossa análise.

<sup>5</sup> Das dez entrevistas realizadas com falantes brasileiros selecionamos apenas cinco delas, porque havia em tais entrevistas, uma menção direta à língua do outro ou ao sujeito uruguaio, eventualmente argentino, a essa relação estabelecida entre língua e sujeito que particularmente nos interessava para este trabalho. Ressaltamos que as demais entrevistas não apresentavam na materialidade lingüística aspectos passíveis de serem analisados e por isso tivemos que selecionar somente cinco.

A partir da exemplificação dada por Sturza (2006) sobre o cruzamento das línguas e as designações dadas às práticas linguísticas fronteiriças pelos sujeitos desse espaço enunciativo, pensamos em como funciona na língua um discurso sobre a língua, representado na materialidade linguística por uma designação dada à língua do outro. Isso se configuraria em um modo de atribuir nome à língua do outro na própria língua, na sua materialidade.

Outro aspecto que nos interessa ressaltar são as condições de produção desses enunciados recortados. Os autores abaixo esclarecem-nos sobre as condições de produção dos enunciados recortados afirmando que:

...o conceito de condições de produção, por sua vez, designa não os sujeitos falantes, empíricos, mas a representação imaginária dos lugares que ocupam na estrutura social. O que entra em questão não são as “competências linguísticas”, mas as formações discursivas a partir das quais enunciam. Além disso, se para Auroux, a “realidade não-linguística” participa do sentido (ibidem, p. 23) na perspectiva da AD, é antes a imagem do referente configurada como condições de produção de um discurso – e não a realidade física em si. Enfim, enquanto para Auroux as “relações de comunicação têm lugar em certos ambientes”, para a AD, o contexto imediato, assim como o contexto social, histórico e ideológico, são constitutivos das práticas discursivas. (ZOPPI-FONTANA E DINIZ, 2008, p.96)

Neste ponto, então, tomamos as condições de produção a partir da perspectiva da Análise do Discurso. Daí a possibilidade de refletirmos sobre o contexto imediato, o contexto social, histórico e ideológico que permeiam as práticas linguísticas e os enunciados recortados.

Semanticamente, os nomes constituem-se de sentidos nos diferentes modos pelos quais eles são mobilizados quando em funcionamento na língua pelo sujeito enunciador, o locutor. O funcionamento semântico das expressões nominais que se referem às línguas constitui-se de um dizer sobre a língua no qual se designa a língua, sendo esse o objeto de análise deste trabalho.

Como modo de apresentar o funcionamento semântico das designações nos enunciados recortados, em um primeiro momento apresentaremos o enunciado, destacaremos o segmento<sup>6</sup> que nos interessa, e, em um segundo momento, retomaremos essas designações a partir das definições dadas pelos dicionários como forma de registro, de legitimidade que os dicionários estabelecem para as palavras.

O primeiro enunciado selecionado é:

(SE)1. *Esses **castelhanos** são muito calaveras.*

<sup>6</sup> Usamos SE como uma maneira de simplificar a apresentação da terminologia adotada neste trabalho (segmento enunciativo), para os recortes realizados.



Do enunciado selecionado, recortamos o segmento enunciativo (SE) abaixo:

(SE)1.1. **Esses castelhanos**

No recorte (SE)1.1 observamos que o determinante *esses* significa uma relação de contato, de conhecimento de quem é esse outro, sem a qual ele não se constitui como sujeito da fronteira, como aliado político em determinados momentos históricos, como sujeito social através das relações interpessoais e/ou como parceiro econômico e comercial.

O uso do **esses** (SE) 1.1 em um enunciado produzido por um sujeito falante fronteiriço brasileiro em relação a um uruguaio evidencia uma distância, embora relativa, pois os vizinhos não são próximos o suficiente. Há aqui inicialmente evidenciado o estabelecimento de um distanciamento espacial materializado na língua e sinalizado pelo uso do **esses**.

Não obstante, na constituição da materialidade linguística, este segmento enunciativo está composto por um sintagma nominal – *Esses castelhanos* (SE) 1. – que marca o outro, o alheio, o do lado de lá. **Castelhanos** (SE)1 significa um nome que, ao mesmo tempo em que marca o sujeito do outro lado da linha limítrofe, também remete à questão histórica da disputa entre os domínios territoriais dos impérios europeus, de Portugal e Espanha que se estabeleceram nesta região.

A palavra *castelhano*, segundo o **Dicionário Etimológico de la Lengua Española** (1998), é uma palavra derivada da palavra *Castilla*, a região de Espanha que detinha o poder econômico e político na época da colonização do continente americano. O nome da região era o nome da língua, que em virtude de razões políticas era a língua da unificação do Estado espanhol por ser a língua da rainha, logo a língua que estabeleceu a unidade nacional.

Observando a definição legitimada pelo dicionário, quando o sujeito falante se utiliza dessa designação, ele define e qualifica quem é esse outro com o qual se relaciona e que na perspectiva desse sujeito enunciador é exterior a ele.

A designação **castelhano** remete a uma memória de dizeres que resulta da própria história da formação da sociedade do Rio Grande do Sul, hoje rememorada cada vez que é enunciada para referir o vizinho do outro lado da fronteira.

Em relação ao político, o sujeito ao enunciar (re)significa o litígio produzido pela disputa territorial da fronteira no qual a palavra **castelhano** funciona, a fim de marcar a procedência qual seja a de ser, neste caso, o estrangeiro, aquele que está do lado de lá, o outro.

Ainda do segmento enunciativo (SE)1 destacamos:

(SE)1.2. *Esses castelhanos são muito **calaveras***

Neste recorte nos interessa ressaltar que a palavra **calavera** (SE)1.2., no mesmo enunciado, predica sobre **castelhano** de modo pejorativo, pois **calavera** segundo o **Vocabulário Sul-Rio-Grandense** (1964) é: “adj. velhaco, o mesmo que caborteiro. (CALLAGE). S.m. e adj. (R.G.do Sul), velhaco, caborteiro: ‘...apesar de já sentir a memória mais esburacada que poncho de calavera.’ (J. S. Lopes Neto, Cont. Gauch., 179), etc”.

Temos uma definição do próprio falante que predica algo sobre **castelhano**, ou seja, atribuindo-lhe o sentido de velhaco, caborteiro. A referência utilizada pelo autor para essa definição remete, por sua vez, ao uso da palavra indicando sua circulação na cultura gauchesca, neste caso já registrada em textos literários<sup>7</sup>.

E mais, o caráter de generalização (**são**) que a palavra **calavera** toma neste enunciado de modo intensificado (**muito**) é mais um exemplo dessa memória do litígio por meio da qual o outro é visto como oposto, contrário e inimigo, reforçando a ideia do outro como estranho, diferente, mas o sujeito fronteiriço não se constitui sem o outro.

Dando continuidade à nossa análise apresentamos o segundo enunciado recortado:

(SE) 2. *Quando eu falo com eles **falo apaisanado***

Deste enunciado evidenciamos primeiramente o segmento enunciativo abaixo:

(SE) 2.1. *falo **apaisanado***

Destacamos do (SE)2. a utilização do pronome pessoal *eu* marcando o lugar do locutor, que ao mesmo tempo enuncia seu ponto de vista. Já o verbo usado pelo enunciador em primeira pessoa – **falo** – instaura a relação do lugar do dizer, significando enquanto um sujeito falante brasileiro em sua relação com um sujeito uruguaio e/ou argentino, relação tal enunciada na língua e apresentada pela materialidade linguística.

---

<sup>7</sup> Nota: ...**calavera** foi o grito no ranchito de má fama (...) pro maula que foi ferido de morte por arma branca”. Trecho da música “Calavera” de Leonel Gomez.

Nesse sentido, retomamos Flores e Teixeira (2005) quando nos colocam a questão da apropriação da língua pelo sujeito, o qual se posiciona com marcas linguísticas que lhe são características. No caso em análise, o sujeito-falante<sup>8</sup> do segmento enunciativo (SE)<sup>2</sup> afirma que ao dirigir-se verbalmente a um cidadão uruguaio, e/ou argentino, ele fala **apaisanado**, fazendo referência à palavra **paisano**, uma forma de designar compatriotas. O sentido aqui atribuído se constrói por um parâmetro de aproximação, significando as pessoas do mesmo pago, do mesmo país.

No enunciado recortado, **apaisanado** especifica-se pelo modo de circulação da palavra, que apresenta um domínio semântico mais relacionado com o universo campesino, característica social dessa fronteira geográfica. Portanto, **apaisanado** remete a sujeitos que se identificam como fronteiriços recolhidos e aproximados nesse espaço social.<sup>9</sup>

Enquanto designação, **apaisanado** funciona nesse enunciado para renomear o outro a partir dos sentidos que se constituem pelas condições sócio-históricas nas quais esses sujeitos estão inseridos. Seja por sua procedência ou pelo modo de dirigir-se ao outro, **apaisanado** designa, sobretudo, uma relação entre os sujeitos que neste caso se dá pela língua.

O terceiro enunciado recortado é:

(SE)3. *O idioma que mais se usa do lado de cá, na fronteira, é esse **portunhol** pra gente poder se entender.*

Destacamos o segmento enunciativo:

(SE)3.1. *esse **portunhol***

<sup>8</sup> Este enunciado foi recortado de uma conversa com um policial civil, residente na cidade de Bagé e que atende a pessoas provenientes da fronteira. Não tomamos este enunciado pelo viés do estar “apaisanado” como “uso ou não da farda” nesta pesquisa.

<sup>9</sup> “Los subúrbios coloniales de Buenos Aires estuvieron habitados por guaraníes, morenos y **paisanos**”.\* En el Río de la Plata **paisano** es el hombre del campo dedicado a la ganadería y que desempeña labores determinadas y estables. **Paisano** es tanto el peón como el patrón dueño de estancias”. GUIDO, C. Rey de y GUIDO (1880 – 1925, p. XIII) –

Tradução nossa [...] “Os subúrbios coloniais de Buenos Aires estiveram habitados por guaranis, morenos e **paisanos**”.\* “No Rio da Prata paisano é o homem do campo dedicado ao gado e que desempenha atividades determinadas e estáveis. **Paisano** é tanto o peão como o patrão dono de fazendas.”

Essa identificação também é explicitada nas letras das canções pertencentes ao gênero música gaúcha como mostramos em um recorte da canção “Orelhano” (Dante Ramón Ledesma): “...orelhano ao **paisano** de tu estampa não se pede passaporte nestes **caminhos do pampa**...” Grifos nossos.

Neste enunciado, a designação **portunhol** já aparece como um nome dado a uma prática linguística que resulta da mistura das duas línguas em contato, mistura essa que foi marcada inclusive na própria grafia da palavra.

Essa designação significa ainda um modo de falar atravessado pela ideia de interação, pelo funcionamento que essa prática tem para as pessoas que vivem na fronteira. O segmento enunciativo (SE)<sup>3</sup> mostra que o portunhol para o locutor tem o status de língua, porque é uma língua que funciona nas relações fronteiriças. Em outras palavras, é um determinante indicador da apropriação dessa designação pelo sujeito fronteiriço, que não só pratica essa língua como a reconhece como uma língua própria do lugar.

O **portunhol** (SE)<sup>3</sup> como uma designação que remete a uma mistura das duas línguas nacionais em contato é significada pelo falante como pertencente ao seu espaço de enunciação. Não tratamos da descrição linguística dada pela comunidade acadêmica, à palavra portunhol, estamos tratando da língua do falante, da língua do outro e ao mesmo tempo da língua que ele utiliza para relacionar-se com o outro. O **portunhol** significa, neste caso, uma síntese na medida em que funciona para as relações cotidianas de interação entre os fronteiriços brasileiros e uruguaios, ou seja, de falantes de português e espanhol. Para o falante fronteiriço o **portunhol** é uma das línguas que ele fala.

Ao modalizar o quanto o espanhol é falado na fronteira, evidencia-se que também existem outras práticas linguísticas que disputam o espaço de enunciação fronteiriço, bem como a supremacia de umas em relação a outras, supremacia essa dita pelo falante ao expressar-se conforme (SE<sup>3</sup> - O idioma que *mais* se usa).

Continuando com o nosso procedimento de análise apresentamos o quarto enunciado recortado:

(SE)<sup>4</sup>. *Nós temos as duas línguas muito próximas, então a gente faz uma mescla quando fala com os hermanos.*

Deste enunciado destacamos o segmento enunciativo:

(SE)<sup>4.1</sup>. *a gente faz uma **mescla** quando fala com os **hermanos**.*

**Mescla**<sup>10</sup> (SE)4.1 é uma designação dada do mesmo modo que *portunhol* a uma relação das línguas, no entanto **mescla** não é um nome, ela refere um processo do qual se constitui esse modo de falar, é a junção das duas línguas em contato apesar de, no enunciado ela já funcionar como designação.

Quando o falante enuncia a palavra **mescla**, ele diz pelo enunciado que essa é a designação que se dá ao resultado do contato entre línguas muito próximas como é o caso do português e do espanhol, já explicitado anteriormente. Por isso, é a designação que se dá a esse modo de falar.

O sentido que o falante atribui a essa designação no enunciado (SE) 4.1 significa este lugar que ele mesmo ocupa como sujeito afetado pelas línguas com as quais se relaciona, estando, assim, entre línguas. Por outro lado, o sujeito enunciador traz o sentido do litígio para o enunciado ao usar a palavra **hermanos**, a fim de referir-se ao outro, na língua do outro, marcando o distanciamento.

Contudo, como a própria palavra nos diz, podemos também perceber que se estabelece na materialidade linguística a semelhança com os rio-platenses ao designar os sujeitos uruguaios e argentinos como **hermanos**.<sup>11</sup> Ou seja, se marca o distanciamento na língua e pela língua do outro, mas se evidencia a proximidade, a semelhança, a identificação com o outro ao utilizar essa e não outra palavra para referir-se ao sujeito do outro país.

O quinto enunciado recortado é:

(SE)5. *Eu não sou daqui, faz três mês que tô aqui, por isso não consigo entender esse gaúcho que mais parece espanhol que os cara usam aqui.*

O segmento enunciativo recortado é:

(SE)5.1. *esse gaúcho que mais parece espanhol*

<sup>10</sup> Nota – Mescla, segundo o **Dicionário Aurélio Buarque de Holanda** (1993, p. 361), é: “Mistura de elementos diversos; amálgama, misto”.

<sup>11</sup> Tradução nossa [...] *hermanos* da língua espanhola significa *irmãos* em língua portuguesa. A proximidade estabelecida pela palavra **hermanos** pode ser percebida também em letras de canções do gênero música gaúcha quando esta palavra é usada para mostrar uma possível identificação entre argentinos, brasileiros e uruguaios (remetendo ao ideal bolivariano) como, por exemplo, no trecho que recortamos da letra cujo título é “Um brinde a América Latina” de João Chagas Leite: “... meu **irmão americano** nada hoje nos separa, nem o julgo dos tiranos, nem idiomas, nem amarras... **hermanos** de las planuras venho cansado de guerra...”. Grifos nossos.

No segmento recortado, (SE).5, percebermos o olhar do sujeito de fora – do externo ao lugar – a esse espaço geográfico. Sendo de outra região do país, o sujeito falante posiciona-se a partir de uma perspectiva de designar a língua falada na fronteira por meio da semelhança com uma variante do português brasileiro. O sujeito falante deste enunciado não é o gaúcho – o sujeito natural do Rio Grande do Sul – é sim um sujeito que está falando como quem está ainda fora das condições de produção do enunciado. É um sujeito falando em um espaço de enunciação fronteiriço, mas com um dizer que não se constitui por uma historicidade relacionada ao lugar, como podemos perceber em sua fala (SE)5. Por isso afirmamos que esse sujeito tem um imaginário da palavra **gaúcho** como sinônimo de língua.

Desde esse lugar do dizer, lugar em que ele se põe ao distanciar-se linguisticamente, este sujeito está atribuindo uma semelhança que talvez só ele possa perceber por estar em um lugar do dizer distanciado do espaço enunciativo em que está inserido.

**Gaúcho**, segundo o dicionário **Aurélio** (1993, p. 270), é: “rio-grandense-do sul”, ou seja, **gaúcho** é a definição dada e uma pessoa natural do Rio Grande do Sul.

No recorte (SE) 5.1, a designação **gaúcho** ao mesmo tempo em que define um tipo social, funciona semanticamente como nome de uma variedade do português brasileiro, especificamente a língua utilizada na fronteira. Portanto, **gaúcho** é uma designação que funciona na língua por remeter nesse enunciado à sua relação com a língua espanhola.

É interessante que **gaúcho** seja um termo comum da nossa cultura rio-platense, mas que defina a pessoa do campo pertencente ao pampa, não necessariamente do Rio Grande do Sul, mas do pampa da Argentina ou do Uruguai. Nesse sentido, o uso da palavra **gaúcho**<sup>12</sup> tem uma memória instaurada como o homem que circula pela região rio-platense.

Assim sendo, esse enunciado recupera, ele mesmo, a ideia do senso comum de que o português do Rio Grande do Sul se parece ao espanhol falado na Argentina e no Uruguai.

A partir da análise dos enunciados acima temos que há enunciados em que a designação se significa funcionando por relações diferentes, ou seja, um modo que é atrelado à língua, mostrando um discurso sobre a língua, no qual o sujeito falante fronteiriço produz uma metalinguagem, fazendo um discurso sobre a língua como produto.

---

<sup>12</sup> ... el gaucho pertenece por igual – como dice Daniel Vidart – a las zonas ganaderas de Argentina, Brasil meridional y Uruguay” GUIDO, C. Rey de y GUIDO, (1880 – 1925, pág. XIII) – Tradução nossa [...]” ... o gaúcho pertence por igual – como diz Daniel Vidart – às zonas de gado da Argentina, Brasil Meridional e Uruguai”

## Considerações finais

A proposta deste trabalho era a de mostrar através de enunciados orais a designação dada na fronteira às línguas que se praticam nesse espaço de enunciar particular e, desse modo refletir sobre. Essa designação evidenciada pelos enunciados recortados nos leva a uma interpretação também do funcionamento das línguas na zona fronteira, buscando averiguar os sentidos que se constituem a partir das relações estabelecidas entre fronteira, língua e sujeitos.

Por tratar-se de um estudo realizado a partir de cinco entrevistas o que não nos permite conclusões contundentes podemos dizer que, *a priori*, os enunciados nos encaminham para duas direções: uma nos mostra o olhar de quem está de fora, do sujeito que se distancia do espaço de enunciação fronteira. Esse sujeito percebe a semelhança entre o espanhol e o português do Rio Grande do Sul manifestando isso através da designação gaúcho.

Em contrapartida, quem está dentro do espaço de enunciação fronteira, o sujeito do local estabelece a diferença, marcando na língua e pela língua aquilo que o separa do outro, evidenciando a sua relação com o vizinho demarcando através da fala o seu distanciamento.

A partir dos enunciados que recortamos para este trabalho mostramos a relação do sujeito com a língua e como a designação pode funcionar semanticamente relacionando sujeito e língua dizendo-nos que a língua tem memória, manifestada neste caso pelo litígio, que continua porque existe uma memória das disputas significadas na língua, porque essa relação de diferença, de estranhamento, esse tom pejorativo em relação ao outro parece estar sempre presente.

Embora tenhamos um discurso dos governos todo voltado para uma fronteira da paz, um discurso de aproximação, que apaga as diferenças, é possível dizer com base na análise realizada neste trabalho, que na fala essa aproximação não se concretiza. Há nos enunciados a tendência a manifestar um afastamento, uma separação, como se os indivíduos falantes fronteiros brasileiros quisessem explicitar que são diferentes, são próximos geograficamente, são atravessados, constituídos pelo outro e porque não (con)formados pelo outro, no entanto, isso só é percebido por quem é de fora, como é o caso do enunciado – esse gaúcho que mais parece espanhol – já que o falante natural do lugar acentua na fala essa diferença.

Podemos afirmar, relativizando, contudo, por tratar-se de uma amostra pequena de enunciados analisados para este trabalho, que a fronteira parece significar-se por um universo de coexistência e, ao mesmo tempo, de sentidos contraditórios, formando um universo à parte,

onde a integração se constrói e se des(constrói). Não há nessa perspectiva política entre línguas e falantes, como nos diz Sturza (2006) uma língua nacional, materna ou segunda língua, há um universo de designações funcionando e relacionando pela significação sujeito e língua. Por isso acreditamos que este trabalho contribui para os estudos sobre enunciação na fronteira possibilitando-nos uma reflexão no sentido de dirigir um olhar para as práticas linguísticas fronteiriças e sobre o que elas podem dizer-nos. A fronteira constitui as línguas e constitui os sujeitos.

## Referências

CAMBLONG, Ana Maria. Habitar la frontera: un viaje perpetuo a lo paradójico. Lima-Peru. *V Congreso Latinoamericano de Educación Intercultural Bilingüe*. 6 a 9 de agosto de 2002.

CELADA, Maria Teresa. *O espanhol para o brasileiro: uma língua singularmente estrangeira*. 2002. Tese (doutorado). IEL/Unicamp, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

CORREA, José. da C. R; CORUJA, Antonio. P. A; MORAES, Luiz de C; CALLAGE, Roque. *Vocabulário Sul-riograndense*. São Paulo, SP: Globo, 1964.

FERREIRA, Hollanda Buarque de. Aurélio. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2ª Ed. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1993.

FERREIRA, Hollanda Buarque de. Aurélio. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1998.

FLORES, Valdir; TEIXEIRA Marlene. *Introdução à Lingüística da Enunciação*. São Paulo, Contexto, 2005.

GUIMARÃES. Eduardo. *Semântica do acontecimento*. São Paulo: Pontes, 2002b.

\_\_\_\_\_. Eduardo. Política de línguas na lingüística brasileira. In: ORLANDI, Eni. (org.) *Política Lingüística no Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni. *Língua e conhecimento lingüístico*. Para uma História das Idéias no Brasil. São Paulo, Cortez, 2002.

SILVA, da Gomes. Guido. *Breve Diccionario Etimológico de la lengua española*. 2ª ed. Ciudad de México, México: Fondo de Cultura, 1998.

\_\_\_\_\_. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.



STURZA, Eliana. R. *Línguas de fronteiras e política de línguas: uma história das idéias lingüísticas*. 2006. 158f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas 2006.

ZOPPI-FONTANA, Mônica. Graciela; ALVES DINIZ, Leandro R. Declinando a língua pelas injunções do mercado: institucionalização do português língua estrangeira (PLE). *Revista Estudos Linguísticos*, v 37 (3): 89-119, set-dez. 2008.

Recebido em 30/06/2011

Aceito em 04/10/2011